

Saindo do buraco: a paisagem urbana de Porto Alegre num diálogo com a obra Os Ratos, de Dyonélio Machado.¹

Jéferson Soares Morais ²
Antonio Carlos Castrogiovanni ³

RESUMO

Este trabalho, apresentado no XV ENANPEGE, teve por objetivo expor uma síntese dos resultados de nossa dissertação de mestrado. O trabalho partiu da seguinte questão de pesquisa: como o diálogo entre Geografia e Literatura pode potencializar o ensino de Geografia na Educação Básica? Para contribuir em respostas provisórias a essa pergunta, traçamos o seguinte plano: aplicar uma proposta pedagógica no Ensino Básico em diálogo com uma obra literária. Para isso, foi necessário um estudo de trabalhos que já discutiam a temática para termos referências; alinhamento de objetivos para conseguirmos responder à pergunta orientadora e uma metodologia de ação. O método que sustentou as análises da pesquisa foi a complexidade, de Edgard Morin, a partir de três princípios: dialógico, recursivo e hologramático. A leitura da obra e a aplicação em sala de aula foi orientada pelos princípios geográficos conectados ao conceito de paisagem para a Geografia com o objetivo de exercitar o pensamento geográfico dos sujeitos. Os resultados indicaram a potencialidade que o diálogo entre Geografia e Literatura possuem em exercitar o raciocínio geográfico dos estudantes, principalmente quando transcendem a prática de aquisição de informações e propõem como exercício práticas de leitura do espaço.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Literatura; Complexidade; Dyonélio Machado.

RESUMEN

Este trabajo, presentado en la XV ENANPEGE, tuvo como objetivo presentar una síntesis de los resultados de nuestra tesis de maestría. El trabajo se basó en la siguiente pregunta de investigación: ¿cómo el diálogo entre Geografía y Literatura puede potenciar la enseñanza de la Geografía en la Educación Básica? Para contribuir a respuestas provisionales a esta pregunta, trazamos el siguiente plan: aplicar una propuesta pedagógica en Educación Básica en diálogo con una obra literaria. Para ello fue necesario estudiar trabajos que ya trataran el tema para tener referencias; alineación de objetivos para poder dar respuesta a la pregunta orientadora y una metodología de acción. El método que sustentó los análisis de la investigación fue el de la complejidad, de Edgard Morin, basado en tres principios: dialógico, recursivo y hologramático. La lectura del trabajo y su aplicación en el aula estuvo guiada por principios geográficos conectados al concepto de paisaje para la Geografía con el objetivo de ejercitar el pensamiento geográfico de los sujetos. Los resultados indicaron el potencial que tiene el diálogo entre Geografía y Literatura para ejercitar el razonamiento geográfico de los estudiantes, especialmente cuando trascienden la práctica de adquisición de información y proponen como ejercicio prácticas de lectura espacial.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía; Literatura; Complejidad; Dyonelio Machado.

¹ Artigo como um dos produtos da pesquisa em ensino de Geografia e Literatura desenvolvida no mestrado, com financiamento da CAPES através de bolsa de estudos.

² Doutorando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, jeferson.soares.morais@hotmail.com;

³ Orientador do trabalho. Doutor e professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, acastrogiovanni53@gmail.com.

O objeto de pesquisa envolve dois temas bastante caros ao autor: a ação como professor de Geografia e o interesse pela Literatura. O gosto pessoal e a percepção da importância da Literatura no desenvolvimento da própria aprendizagem foram os principais motivos para estudar as possibilidades que a relação entre a Geografia e a Literatura podem proporcionar para o ensino. Entretanto houveram outras inquietações, como: a importância de levar para a sala de aula práticas que façam sentido para os alunos e com isso potencializem a aprendizagem de Geografia na Educação Básica; e a perceptível dificuldade que grande parte dos estudantes têm na leitura e interpretação de textos, em que o exercício da leitura e o contato com a Literatura podem ajudar a reparar. Partindo desse ponto nos deparamos com a questão da pesquisa: como o diálogo entre Geografia e Literatura pode potencializar o ensino de Geografia na Educação Básica? Para contribuir em respostas provisórias a essa pergunta, traçamos o seguinte plano: aplicar uma proposta pedagógica no Ensino Básico em diálogo com uma obra literária. Para isso, foi necessário um estudo de trabalhos que já discutiam a temática para termos referências; alinhamento de objetivos para conseguirmos responder à pergunta orientadora e uma metodologia de ação.

O método, ou seja, a lente pela qual realizamos as análises da pesquisa, foi a Complexidade, de Edgard Morin, sustentado por três - dos sete - princípios da Complexidade: Princípio Dialógico, Recursivo e Hologramático². A escolha desse método se justifica pelas possibilidades de diálogo interdisciplinar em torno do objeto de pesquisa. Foi partindo de uma visão ampla e aberta que buscamos conectar os diferentes campos do conhecimento.

METODOLOGIA

Neste trabalho desenvolvemos uma Pesquisa Qualitativa, onde a partir da análise de um texto literário, objetivamos compreender provisoriamente a espacialidade da paisagem da Porto Alegre dos anos 1930 – que é o período histórico de quando se passa o romance – e fazer uma



relação com a paisagem da Porto Alegre atual. A partir desta análise, criamos uma proposta pedagógica que foi aplicada em uma turma do Ensino Fundamental.

A obra escolhida foi *Os Ratos* de Dyonélio Machado, por ter Porto Alegre como palco. A partir da escolha, traçamos um caminho metodológico que foi dividido em três momentos: o primeiro de análise da textualidade geográfica presente na obra; o segundo de construção da proposta; no terceiro momento aplicamos a atividade em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental e consequentemente avaliamos os resultados.

A proposta foi organizada em dois momentos: a primeira atividade foi uma saída de campo reproduzindo o trajeto que Naziazeno - a personagem principal faz pelo centro de Porto Alegre, no romance *Os Ratos*. Para realização da atividade e posterior publicação dos resultados, a pesquisa contou com Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) do Estudante menor de 18 anos enviado para pais e responsáveis e o Termo de anuência para a realização de pesquisa científica (TAPC) assinado pela coordenação da escola.

A primeira atividade da proposta consistiu em uma saída de campo ao qual reproduzimos o trajeto feito pelo personagem principal da obra. Durante o trajeto foi solicitado que tirassem fotos daquilo que chamava a atenção na paisagem durante o trajeto. Não houve nenhuma recomendação, deixando o olhar dos estudantes livres. Foram solicitadas 5 fotos de cada para serem analisadas individualmente em um outro momento. O exercício de análise está representado pela Figura 1:

Figura 1 – Quadro com o exercício e os conceitos e princípios que pretendíamos mobilizar.



	Conceitos de análise utilizadas (Santos, 1985).	Princípios do raciocínio geográfico da BNCC (Brasil, 2017).
Das 5 fotos selecionadas, informar a função de 3 elementos presentes em cada imagem [15 elementos no total];	Forma e função;	Analogia, diferenciação, conexão e ordem;
Dos elementos escolhidos (15), selecionar 1 de cada fotografia e imaginar pelo menos 2 funções diferentes para cada um desses 5 elementos.[10 funções];	Forma e função;	Analogia, diferenciação, conexão e ordem;
Dentre os 10 elementos escolhidos, imaginar qual já estava presente no século XIX ou XX;	Forma, função e processo;	Analogia, diferenciação, conexão e ordem;

(MORAIS, 2022)

A segunda atividade foi em sala de aula. O romance foi contado para a turma demarcando os pontos do trajeto que o personagem fez, mostrando com imagens da época e fazendo relações com temas importantes para compreender o contexto da época em que se passa o romance. Após a contação foi solicitado um exercício (figura 2) com quatro questões envolvendo a paisagem observada no trajeto, a história e a desigualdade social, seja ela percebida no trajeto ou na narrativa.



Figura 2 – Quadro da atividade 2, identificando os princípios da complexidade, as unidades temáticas (BNCC), os objetos do conhecimento (BNCC) e as Habilidades (BNCC) tendíamos mobilizar.

	Princípios da Complexidade	Unidades temáticas - BNCC (Brasil, 2017).	Objetos do conhecimento - BNCC (Brasil, 2017).	Habilidades da BNCC (Brasil, 2017).
Você percebeu alguma diferença social entre as paisagens do percurso que fizemos ou não? Quais são os pontos que chamaram mais atenção nesse sentido e onde se localizam essas paisagens?	Princípio Dialógico	Mundo do trabalho;	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina;	(EF08GE17). Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.
O que, na sua percepção, faz com que em uma mesma cidade existam pessoas ricas e ao mesmo tempo pobres? Escolha 5 palavras para sintetizar o seu pensamento.	Princípio Dialógico;	Mundo do trabalho;	Produção, circulação e consumo de mercadorias;	(EF07GE06). Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares;



			Desigualdade social e o trabalho;	(EF07GE08). Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro.
Os elementos presentes nas imagens e o fenômeno da desigualdade social são uma particularidade de Porto Alegre ou os encontramos em outros lugares do mundo? Por quê?	Princípio Hologramático;	Mundo do trabalho;	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina;	(EF08GE16). Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho.
Quais são os fatores que influenciam a pobreza de Naziazeno? São as características individuais que o fazem não sair dessa condição ou é a condição social que influencia suas características? Por quê?	Princípio da Recursividade;	Natureza, ambientes e qualidade de vida;	Identidades e interculturalidad es regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África;	(EF08GE20). Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

(MORAIS, 2022)

Por fim, foi realizada uma análise a partir dos resultados. Esses resultados foram obtidos a partir da documentação resultante das duas atividades. As respostas dos alunos às atividades propostas sustentaram a análise da pesquisa, cujo referencial teórico será apresentado no tópico a seguir.

O referencial teórico foi organizado de acordo com a necessidade de referências para cada parte da pesquisa. Iniciaremos fazendo referência ao método da complexidade justificando sua escolha para a realização da pesquisa. Seguindo a tradição dialética desde Heráclito, Morin propõe um método que percebe o mundo e os fenômenos que nele existem em constante movimento. O Paradigma da Complexidade é um método que objetiva potencializar o conhecimento humano partindo do pressuposto de que o mundo onde habitamos é um espaço complexo. Considerando a sua etimologia, “o termo Complexo vem de Complexus, que significa originalmente o que se tece junto. O Pensamento Complexo busca distinguir e ligar, não por meio da certeza, mas das incertezas que acarretam dúvidas provisórias” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 116). Ou seja, entendendo o conhecimento como uma complexa teia de conexões interligadas, Morin traça um método capaz de orientar e dar suporte na busca do conhecimento, sem cair nas armadilhas da lógica formal, que reduz e simplifica, tomando como verdade absoluta uma conclusão analisada parcialmente, sem conceber todas as variáveis que a influenciam. O paradigma da complexidade é organizado em sete princípios que buscam organizar a maneira como enxergamos o mundo e agimos sobre ele. Desses sete princípios, escolhemos três:

1. Princípio Hologramático: assim como o holograma que em um único ponto contém a informação completa de um objeto a ser representado (MORIN, 2000), o autor entende que “não somente a parte está no todo, mas o todo se inscreve na parte” (MORIN, 2000, p. 32). O exemplo que melhor caracteriza é o da relação indivíduo (parte) sociedade (todo). Assim como o indivíduo está inserido na sociedade, a sociedade inteira está inscrita no indivíduo, por meio da cultura, da linguagem e das normas que ele reproduz (MORIN, 2000). Ao mesmo tempo esse ser é composto por inúmeras células que o constituem biologicamente e em cada célula há o código genético que representa o organismo todo. Ou seja, a parte (célula) está no todo assim como o todo (DNA) está nas partes. A relação complexa entre todo e parte é que dá forma e vida ao ser humano.
2. Princípio do Círculo Recursivo: seguindo a ideia da circularidade, o Princípio da Recursividade estabelece que ao mesmo tempo que a causa produz um efeito também é produzida por esse efeito. Um exemplo bastante prático citado pelo autor, é pensar o indivíduo e a sociedade. Ao mesmo tempo que o indivíduo produz a sociedade, ele é produzido por ela, já que toda sua concepção de mundo é estabelecida por relações

socialis (MORIN, 2000). No âmbito biológico há a mesma retroatividade em relação ao ser humano: ao mesmo tempo que é produto da espécie, ao se reproduzir, produz e dá continuidade à espécie humana.

3. Princípio Dialógico: “a dialógica permite assumir racionalmente a associação de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo” (MORIN, 2000, p.34). Ou seja, a dialógica entende que é importante sabermos organizar o conhecimento assumindo as contradições, pois elas não são excludentes entre si. Morin (2000) cita como exemplo o próprio ser humano, que é ao mesmo tempo uno (como espécie ou sociedade) e múltiplo (como indivíduo ou sujeito). Unidade e multiplicidade podem ser conceitos antagônicos, mas ambos agem simultaneamente na condição humana, e como já foi abordado no princípio recursivo, também atuam um sobre o outro.

Lendo o livro *Pensar e Ser em Geografia*, de Ruy Moreira (2008), e buscando problematizar o conhecimento sobre epistemologia e ontologia da Geografia, assim como entender melhor os princípios e conceitos, encontrei o que para o autor é o objetivo da Geografia: “A Geografia, através da análise do arranjo do espaço, serve para desvendar as máscaras sociais” (MOREIRA, 2008, p. 62). A partir dessa visão de que a Geografia entende as relações humanas a partir do arranjo espacial, percebemos que está presente na totalidade do espaço. Desde a escala local, até a global, seja em localidades mais rurais ou urbanas, climas quentes ou frios, com pouca ou muita população, a Geografia está presente em tudo e, portanto, serve para a compreensão das diferentes realidades. É pensando nessa banalidade presente na Geografia, por ela estar presente em tudo, que tanto o imaginário de cada sujeito quanto a arte podem ser analisadas pelas ferramentas conceituais da Geografia científica.

No mesmo livro já citado, Moreira (2008), escreve um capítulo que aborda a relação entre Geografia e Literatura. Inicialmente o autor coloca que ambas são maneiras de enxergar e representar a realidade, e até indica que a literatura (e a arte em geral) tem a capacidade de se aproximar mais da realidade espaço-temporal do que a própria Ciência que tem esse objetivo. Isso ocorre porque a primeira não separa sujeito do objeto e com isso não menospreza o simbólico e a subjetividade, nem deixa de lado marcas importantes que revelam muito do espaço, até porque toda história literária ocorre em um tempo e em um espaço que reflete a realidade que o autor vivenciou (MOREIRA, 2008). Portanto, entendemos que incluir o cotidiano por meio da imaginação e da arte no espaço da sala de aula e utilizando os princípios e conceitos para estruturar nosso olhar geográfico, possibilitam o exercício do pensamento geográfico.

Buscamos trabalhos que se debruçaram diretamente na relação entre Geografia e Literatura com o objetivo de ter referências das possibilidades metodológicas de como trabalhar em diálogo com as duas áreas do saber. Nesse sentido citamos as obras de Moretti (2003), Suzuki e Silva (2016), Suzuki, Da costa e Stefani (2016); Suzuki, Da silva e Ferraz (2016); Suzuki, Lima e Chaveiro(2016) além de um banco de trabalhos acadêmicos na forma de artigos, monografias, dissertações e teses.

A análise da textualidade geográfica foi o seguinte passo, em que escolhemos a obra *Os Ratos* de Dyonélio Machado, cuja análise rendeu um artigo publicado em 2020⁴. A partir da leitura da obra entendemos que para uma atividade em sala de aula poderíamos mobilizar o conceito de Paisagem, afim de compreender as percepções que a narrativa proporciona sobre a cidade de Porto Alegre da década de 1930. Chegamos nesse conceito a partir da ideia de exercitar o raciocínio geográfico. Entendemos como raciocínio geográfico a prática de escapar de uma Geografia exclusivamente informativa e vislumbrar uma maneira de treinar o raciocínio para pensar geograficamente nas mais variadas situações. No documento que serve como base para os currículos escolares, a BNCC encontramos que “Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico (BRASIL, 2017, p. 357). E o modo de se pensar espacialmente se dá pelos princípios geográficos, que são categorias analíticas vinculadas aos conceitos base da Geografia: paisagem, território e espaço (MOREIRA, 2008).

Segundo Moreira (2008), a paisagem é o conceito pelo qual iniciamos a leitura do espaço, pois mobiliza a nossa percepção e para isso utilizamos algumas categorias como o arranjo e a configuração dos elementos da Paisagem. Para se chega na leitura do espaço - que é o objeto de estudo da Geografia – mobilizamos o conceito de território, complexificando a análise. A figura 3 apresenta os princípios geográficos que compõem a BNCC e que são os princípios que envolvem o exercício do raciocínio geográfico.

⁴ MORAIS, Jéferson Soares. Diálogos entre geografia e literatura: permanências e transformações na paisagem urbana de porto alegre reveladas pelo romance *Os Ratos*, de Dyonelio Machado. **Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul (RIHGRGS)**, Porto Alegre, n. 159, p. 183-210, dezembro de 2020. Disponível em: < <https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/107583> > .



Figura 3 – Princípios que envolvem o raciocínio geográfico para a BNCC

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
Analogia	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
Conexão	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
Diferenciação*	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
Distribuição	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
Localização	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
Ordem**	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Fontes: FERNANDES, José Alberto Rio; TRIGAL, Lourenzo López; SPÓSITO, Eliseu Savério. **Dicionário de Geografia aplicada**. Porto: Porto Editora, 2016.

* MOREIRA, Ruy. A diferença e a geografia: o ardid da identidade e a representação da diferença na geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 41-58, 1999.

** MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 35-49.

(BRASIL, 2017, p. 358)

É interessante notar que a mesma obra de Moreira (2008), citada anteriormente, serve como referência para os princípios geográficos da BNCC. Associamos esses princípios ao conceito de Paisagem e buscamos em Santos (1985;2006) uma forma metodológica de aplicarmos durante o trajeto. As categorias analíticas de forma, função estrutura e processo serviram como a chave de leitura do espaço a partir da percepção da paisagem. Dialogando com o conceito de paisagem, também buscamos em Berque (1998) a noção da paisagem como um produto das relações humanas e ao mesmo tempo como produtora das relações humanas. A literatura em nossa concepção possui essa mesma conformação: ao mesmo tempo que reproduz uma espacialidade ela também produz uma geograficidade. Em outras palavras, ao mesmo tempo que ela representa um conjunto de relações humanas que se manifestam no espaço, também produz percepções e um conjunto de signos e significados que se materializarão nas ideias e ações do sujeito e conseqüente mente a influência dessas ações humanas no espaço.



Outro conceito importante de destacar e que está diretamente associado ao conceito de paisagem é a ideia de rugosidade. Para Santos (2006), as rugosidades são o:

(...) que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho. (SANTOS, 2006, p.92)

Por estarmos trabalhando com a paisagem de diferentes tempos, perceber as rugosidades do tempo na paisagem é importante para compreender as dinâmicas espaciais. Quais formas sobrevivem ao tempo? Por quê? As funções seguem as mesmas? Essas reflexões são fundamentais para um olhar geográfico que considere a expressão de diferentes tempos no espaço.

Após a leitura geográfica do texto considerando os princípios e conceitos geográficos, construímos a proposta pedagógica com referência na BNCC (BRASIL, 2017) e em diversos autores e autoras que discutem o campo do Ensino de Geografia e da Educação (CASTROGIOVANNI, 2000; 2004; FREIRE, 2018; MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003; RECLUS e KROPOTKIN, 2014). Os resultados e a discussão feita a partir das atividades aplicadas reforçam a ideia inicial de que o diálogo entre Geografia e Literatura possibilitam o exercício do raciocínio geográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De início gostaríamos de comentar que a prática teve um resultado positivo. Não só para os estudantes, que tiveram a oportunidade de passar uma manhã andando e observando a paisagem do centro de Porto Alegre, conhecendo locais que muitos ainda não tinha tido a oportunidade de conhecer. Também a oportunidade de refletir sobre o porquê de as coisas estarem onde estão e desde quando. A prática foi importante para que pudéssemos repensar as ações que desenvolvemos como professor-pesquisador. Durante o percurso, identificamos possíveis momentos em que poderíamos ter trazido outras contribuições ou disponibilizado

mas tempo para a observação de determinado local. Entretanto, essa percepção só foi possível porque planejamos, aplicamos e refletimos sobre a prática de acordo com o método e objetivos definidos. Entendemos neste momento que esse é o caminho que os docentes devem tentar percorrer: o da prática reflexiva e da constante aprendizagem. Caminhos que são constantes para quem já se convenceu que a prática de pesquisador não está dissociada da prática docente. Pelo contrário, está intimamente interligada. Ser professor, como Paulo Freire deixa explícito no livro *Pedagogia da Autonomia* (2018), é estar em constante processo de aprendizagem e pesquisa:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2018, p. 16)

O processo de aprendizagem durante uma pesquisa é constante. Com o passar do tempo, observamos que essa aprendizagem é gratificante. Cada percepção gera novos questionamentos, ainda mais quando nos aproximamos de uma leitura complexa. Tais questionamentos contribuem para a ampliação do olhar como pesquisador-docente que nos faz recorrer a novas leituras para tentar responder as novas questões que surgem e ainda irão surgir. A base do Método da Complexidade é essa: aprender a aprender. E quanto mais aprendemos, mais conseguimos aprender sobre a realidade, num processo constante e progressivo, pois mais conhecimento temos para referenciar e ampliar as conexões com novos conhecimento (MORIN, 2000; 2003).

A primeira atividade mostrou a importância de se utilizar o método de análise de Santos (1985) na observação de paisagens, contribuindo para uma percepção mais ampla do espaço. Questionar a forma e a função dos objetos presentes no espaço e perceber que a forma e a função não são determinadamente dependentes entre si - mas sim configuram uma relação influenciada pelo contexto histórico e geográfico - é uma maneira de exercitar o olhar e o raciocínio geográfico. A observação atenta de elementos comuns do dia a dia, permite refletir sobre a funcionalidade desses elementos e o que a disposição deles diz sobre o cotidiano, contribuindo para o exercício de uma interpretação ampla e complexa do espaço, começando pelo nosso próprio local de vivência.

Influenciado pela leitura do texto *O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção* (Ingold, 2015), optamos por deixar a observação deles livre, sem estar pré-orientada. Essa estratégia também estava de acordo com o intuito de não limitar as observações. Ao induzir, poderíamos perder, por exemplo, a percepção de algo que não foi interpretado por nós

previamente, seja nas paisagens ou na textualidade geográfica do romance. Fomos percorrendo o trajeto (Figura 4), conversando sobre o que os objetos vistos na paisagem do percurso representavam e respondendo dúvidas que surgiam. Os conceitos de estrutura e processo foram abordados mais indiretamente durante os questionamentos sobre a desigualdade social e como ela se apresenta na paisagem.

Figura 4 – Roteiro do percurso de Naziazeno com as paradas realizadas na atividade.



Fonte: (SCHÖFFEL, 2016, com alterações do autor)

As imagens⁵⁵ tiradas pelos estudantes mostraram que a liberdade que eles tiveram para registrar a paisagem permitiu percebermos que elementos que chamaram a atenção deles não foram os mesmos descritos pelo personagem do romance. As Figuras 4 e 5 apresentam algumas das fotografias selecionadas pelos estudantes para serem analisadas. É interessante pontuar que pelo fato de muitos não terem celular, todas as fotos tiradas pelos estudantes foram colocadas num banco em que todos puderam selecionar qualquer imagem para depois analisar.

⁵⁵ Ressaltamos que a pesquisa contou com Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) do Estudante menor de 18 anos (para pais/responsáveis) e o termo de anuência para a realização de pesquisa científica (TAPC) (para Instituições).



Figura 5 – Fotos tiradas pelos estudantes durante o trajeto.



Figura 6 – Fotos tiradas pelos estudantes durante o trajeto



Apesar de ter sido estruturado um roteiro - no caso o trajeto semelhante ao que a Naziazeno percorre na história - no dia do percurso, os educandos acabaram alterando ao acrescentarem outra parada - o que foi prontamente acolhido. A parada acrescentada por eles foi na Casa de Cultura Mário Quintana - localizada na Rua da Praia (atual Rua dos Andradas) – que apesar de fazer parte do trajeto percorrido por Naziazeno, não é citada no texto, provavelmente porque na época era um hotel de luxo, ou seja, local onde Naziazeno não estava acostumado a transitar. O interesse pela Casa de Cultura se deu pela arquitetura imponente e

principalmente por muitos terem ouvido falar e ainda não ter tido a oportunidade de visitá-la. Com isso, decidimos conhecer o espaço.

O que notamos ao analisar as imagens, é que a maior parte delas, se não está relacionada a uma forma antiga (rugosidades), está associada à noção de estética, ou seja, ligada àquela tradicional relação da paisagem como algo belo.

Apesar de em algumas respostas os estudantes confundirem a forma e a função de determinados elementos, no geral houve um bom entendimento sobre a diferença. O fato de eles terem que imaginar funções alternativas para uma mesma forma, acredito ter contribuído para esse entendimento.

Quanto ao conceito de processo, a noção temporal foi abordada quando questionamos se determinado elemento já existia em 1930 ou não. A maioria respondeu intuitivamente – com a exceção de alguns que pesquisaram – sem muita certeza da resposta. Entretanto, o nosso objetivo não era obter a resposta certa, mas sim gerar esse movimento de supor a partir da observação e lidar com a incerteza. Incentivar o movimento de tentar encaixar determinado objeto no tempo histórico, com o intuito de exercitar a temporalidade. Temporalidade que é uma habilidade importante para a constituição da percepção do processo histórico, porque para refletir se algo já existia em determinado período ou não, é preciso pensarmos na origem desse objeto e nas múltiplas relações em que ele está e esteve inserido, ampliando dessa maneira o raciocínio.

A segunda atividade foi organizada em um outro momento, já em sala de aula. Inicialmente houve uma contação do romance, de modo resumido, chamando a atenção para o contexto do personagem e da situação em que ele se encontra e logo depois reproduzindo o trajeto feito pelo personagem. Ao comentar esse trajeto, fui projetando algumas imagens desse trajeto da época em que se passa a história, em meados da década de 1930. Foi interessante que os estudantes puderam identificar locais em que eles haviam visitado durante a atividade 1. Logo após a contação da história, foram passadas quatro perguntas (Figura 2) para eles responderem envolvendo a história contada com elementos que eles perceberam e percebem da cidade. Nessa atividade mobilizamos mais os princípios da complexidade e as habilidades da BNCC. Entre as respostas dos estudantes, destacamos as respostas à segunda questão, que solicitava 5 palavras pra sintetizar o pensamento acerca dos motivos que geram a desigualdade social em uma cidade. Com essas palavras produzimos a nuvem de palavras apresentada na figura 6.



Figura 6. Nuvem de palavras com base nas respostas dos estudantes à questão 2 da segunda atividade



Elaborado pelo autor utilizando o site < <https://wordart.com/create> >.

(MORAIS, 2022)

Nessa atividade foi possível identificar maiores referências à estrutura, como o modo de produção capitalista assim como o preconceito e o racismo. Ou seja, não são questões individuais que geram as diferenças, mas sim o modo de organização social e o modo como as pessoas na sociedade se organizam e relacionam. Essa percepção por parte deles é interessante e contrastou com a última questão da mesma atividade, em que questionamos se a causa da pobreza de Naziazeno é dele ou do modo como a sociedade em que ele vive se organiza. A maior parte das respostas elencou o fato dele não ter um salário suficiente para estar em outra condição financeira, também citam o fato dele dever para outras pessoas, além de apostar em jogos de azar. Nesse sentido, fica a leitura de que a pobreza está mais influenciada pelo âmbito individual, apesar de a desvalorização do trabalho – citado na maioria das respostas - ser de fato algo estrutural. Essa incoerência demonstra ao docente uma “lacuna” a ser trabalhada em sala de aula, principalmente utilizando-se do Princípio da Recursividade para enfatizar que a pobreza não é resultado apenas das decisões tomadas na escala individual. O interessante é que a partir dessa pesquisa, esse princípio pode ser enfatizado trabalhado em sala de aula, utilizando inclusive a mesma atividade como referência, caracterizando essa atividade não só como algo a exercitar o pensamento geográfico, mas também o seu caráter investigador acerca de como os educandos pensam o mundo. A partir das respostas deles, é possível identificar lacunas e indicar caminhos para preenche-las na busca por uma compreensão mais complexa do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações, entendemos que a metodologia desenvolvida para a pesquisa permitiu que o objetivo do trabalho fosse concluído, respondendo à questão de pesquisa satisfatoriamente: sim, o diálogo entre Geografia e Literatura permitem o exercício do raciocínio geográfico de maneira complexa - desde que esteja alinhado a um método científico e procure exercitar o raciocínio geográfico por meio dos conceitos e princípios da Geografia. A importância do método e da noção epistemológica da Geografia influencia as possibilidades de superação de uma aprendizagem baseada apenas na informação dos sujeitos e que invista no exercício de um modo de pensar e de organizar o pensamento, adaptável a diferentes circunstâncias.

Acreditamos que algumas escolhas poderiam ter sido feitas de maneira diferente, como por exemplo a utilização de momentos com leitura direta do romance trabalhado. Essas percepções só foram possíveis durante e após a implementação da pesquisa, o que ratifica a importância dos estudos acerca da relação entre a Geografia e a Literatura, principalmente relacionada à aprendizagem do raciocínio geográfico.

A análise geográfica a partir de conceitos – no caso desse trabalho, por meio da leitura da paisagem com base no método estipulado por Santos (1985). Além de ser um exemplo de aplicabilidade, traz a manifestação da importância de os estudantes construírem sua aprendizagem escolar orientados por métodos científicos. O objetivo não é a acumulação de informação geográfica. Mas sim construir um raciocínio capaz de interpretar as mais diversas situações de maneira geográfica. E para isso os conceitos e o método são fundamentais. Sem isso, caímos em uma aprendizagem informativa nos moldes da escola básica tradicional.

Como nos propomos à análise da realidade de maneira complexa, é impossível não relacionarmos os resultados dessa pesquisa a uma questão pertinente: qual docente do ensino básico - seja público ou privado - tem disponibilidade de tempo e recurso para planejar e aplicar propostas como a que foi desenvolvida nessa pesquisa? Considerando que a valorização dos docentes no Brasil é baixa quando comparada a outros países no mundo⁶, é comum observarmos professores fazendo carga horária semanal extensa e, com isso, pouco tempo acaba sendo disponibilizado para o planejamento de atividades mais envolventes e que tenham referenciais científicos em sua aplicação. Exige-se do professor constante atualização e pesquisa para que

⁶ 51 Informação retirada de matéria disponível em: < <https://exame.com/brasil/piso-salarial-de-professor-brasileiro-e-o-mais-baixo-entre-40-paises/> >. Acessada em 25/09/2022.

sua docência seja mais significativa e efetiva. Mas se possibilita condições de tempo e recurso para esse constante processo de aprendizagem? Quais as relações de poder que estão inseridas nesse processo? Como a desigualdade social - descrita por Dyonélio Machado em seu romance - atravessa o exercício e a identidade dos professores? Por que a maior parte dos professores atualmente está em cursos a distância?⁷ Como esse fato influenciará a prática que será desempenhada em sala de aula? Esses cursos - que são predominantemente privados - têm como objetivo a formação de professores preocupados com o raciocínio geográfico, com uma prática docente significativa, que considere a complexidade da realidade em que estamos inseridos? Ou o objetivo respeita as lógicas do sistema vigente, cujo o objetivo central é a transformação dos objetos e relações em mercadoria, visando a expansão do capital? Essas são questões que não podem ser ignoradas ou esquecidas, pois influenciam diretamente a nossa prática como professores-pesquisadores e, conseqüentemente, podem afetar o modo como as novas gerações observam, analisam, interpretam e agem sobre a realidade do mundo.

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz**: elementos da problemática para uma Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, tempo e cultura. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC, 2017.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de Geografia**: Práticas e textualizações no cotidiano. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **A Geografia do espaço turístico, como construção complexa da comunicação**. Tese (Doutorado), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 11 (5), 1991, p. 173-191.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MORAIS, Jéferson Soares. **O rato roeu, teceu e usou a roupa de um Porto Alegre**. Diálogo entre Geografia e Literatura através da obra de Dyonélio Machado: uma proposta pedagógica para exercitar o raciocínio geográfico. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2022.

⁷ Informação retirada de matéria disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/10/mais-da-metade-dos-alunos-de-licenciaturas-do-pais-estao-em-cursos-a-distancia.shtml> >. Acessada em 25/09/2022.



MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 1ª ed. São Paulo, Contexto, 2008.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu**. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos, 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um Pensamento Complexo**. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura. Editora: Sulina - Grupo Edipucrs - 2ª Edição, 2000.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina, 8ª ed. 128p. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. Educar na Era Planetária: o Pensamento Complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo, Editora: Cortez, 2003.

RECLUS, Elisée; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos de educação e geografia**. Biblioteca Terra Livre, edição virtual, São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SUZUKI, Júlio César; SILVA, Adriana Carvalho (orgs). **Estética, poética e narrativa**: entre fluidez e permanência nas artes [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

_____; DA COSTA, Everaldo Batista; STEFANI, Eduardo Baidier (orgs). **Espaço, sujeito e existência**: diálogos espaço geográfico das artes [livro eletrônico]. Porto Alegre : Imprensa Livre, 2016.

_____; DA SILVA, Valéria Cristina Pereira; FERRAZ, Cláudio Benito O. (orgs). **Educação, arte e geografias linguagens em (in)tens(ç)ões** [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

_____; DA SILVA, Valéria Cristina Pereira (orgs). **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico]. Porto Alegre : Imprensa Livre, 2016.

_____; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (orgs). **Geografia, literatura e arte**: epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.